

CONTINUANDO O DEBATE SOBRE O USO DOS TERMOS COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO, COMPETÊNCIA INFORMACIONAL E LETRAMENTO INFORMACIONAL: UM RETRATO DA SEGUNDA DÉCADA DOS ANOS 2000 NO BRASIL

CONTINUING THE DEBATE ON THE USE OF THE TERMS COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO, COMPETÊNCIA INFORMACIONAL AND LETRAMENTO INFORMACIONAL: A PORTRAIT OF THE SECOND DECADE OF THE 2000S IN BRAZIL

Mariana de Souza Alves^a

Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo^b

Marcos Galindo Lima^c

RESUMO

Objetivo: Apresentar a segunda parte dos resultados de pesquisa sobre o debate terminológico-conceitual em torno dos termos *competência em informação*, *competência informacional* e *letramento informacional* no Brasil, de modo a mostrar como os arranjos terminológico-conceituais propostos pelas pesquisadoras-fundantes foram recebidos e aplicados pelo campo por meio de suas pesquisadoras-influenciadas.

Metodologia: Pesquisa bibliográfica. Levantamento sistemático da produção científica em bases de dados na área da Biblioteconomia, Ciência da Informação e Gestão da Informação, publicada durante os anos 2000 a 2022. **Resultados:** O debate manifestado na última década revelou não apenas a manutenção dos mesmos fenômenos de ambiguidade e de contradição nos argumentos defendidos para a escolha ou rejeição dos termos e conceitos, mas também desvelou inconsistências nas apropriações das traduções e seus conceitos, o que contribui para a confusão e a fragilidade terminológica e resulta em problemas éticos. **Conclusões:** Há, por parte das pesquisadoras-influenciadas, ciência da variação terminológica que permeia o campo. Porém, não há clareza, por parte destas, acerca da carga discursiva, política e ideológica da terminologia originalmente proposta pelas pesquisadoras-proponentes e não há consistência nas citações dos termos. É premente que as apropriações

^a Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bibliotecária da UFPE. Pernambuco, Brasil. E-mail: mariana.souzaalves@ufpe.br.

^b Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Minas Gerais, Brasil. E-mail: socorronunes@ufs.edu.br.

^c Doutor em Línguas e Cultura da América Latina pela Leiden University. Docente da Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, Brasil. E-mail: galyndo@gmail.com.

terminológicas sejam feitas considerando os posicionamentos epistêmicos e ideológicos de suas pesquisadoras-proponentes.

Descritores: Terminologia. Information literacy. Conceito. Apropriação.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo trata da segunda parte dos resultados de pesquisa inicialmente apresentados em Alves, Macedo e Galindo (2023a). Naquela ocasião, divulgamos o debate terminológico-conceitual da primeira década dos anos 2000 no Brasil, em torno dos termos *competência em informação*, *competência informacional* e *letramento informacional*¹, cujo foco incidiu no surgimento e nas proposições para a tradução vernácula de *information literacy*, a partir de suas pesquisadoras-fundantes². Para esta ocasião, daremos continuidade à discussão, trazendo o debate da segunda década dos anos 2000 e apresentando como essa configuração terminológico-conceitual foi recebida e aplicada pelo campo por meio de suas pesquisadoras-influenciadas.

Owusu-Ansah (2005) argumentou que o conceito de *information literacy* já foi explorado, abundantemente, e o mais adequado seria partir para ações práticas. Lau (2006), por seu turno, identificou outra camada de tensão que é a dificuldade concreta de tradução do termo para diversos idiomas. Isso implica, primeiramente, em discussões de ordem teóricas e metodológicas sobre a terminologia vernácula para, assim, fundamentar a operacionalização do conceito e, em seguida, desenvolver ações que busquem consolidá-lo em ações práticas, como é o caso do contexto brasileiro.

Em publicações anteriores (Alves; Macedo; Galindo, 2023a; Alves; Macedo; Galindo, 2023b; Alves, 2025), fizemos um movimento de reconstrução histórica acerca da tradução de *information literacy* no Brasil, sistematizando as terminologias e relacionando-as às suas autoras proponentes. Podemos compreender as traduções e os termos propostos e aderidos por cada

¹ Referimo-nos sempre nessa ordem devido ao surgimento cronológico de cada tradução.

² Pesquisadoras-fundantes e pesquisadoras-influenciadas foram categorias criadas na pesquisa para diferenciar as pesquisadoras proponentes das traduções no começo dos anos 2000 das pesquisadoras que se apropriam dessas traduções/termos nos anos posteriores.

pesquisadora-fundante, da seguinte forma:

No Brasil, o primeiro registro da tradução de *information literacy* é creditado a Sônia Caregnato (2000), que traduziu o termo para *alfabetização informacional* e para *habilidades informacionais*. Após esse ano, as três pesquisadoras seguintes que publicaram sobre o tema, Regina Belluzzo (2001), Elisabeth Dudziak (2001) e Maria Helena Hatschbach (2002), também utilizaram a expressão original (em inglês), sendo que as duas últimas utilizaram a expressão *competência em informação*. Depois disso, Bernadete Campello (2002) traduziu o vocábulo inglês para *competência informacional* e, posteriormente, passou a traduzi-lo para *letramento informacional* (2003, 2006, 2009).

A partir de então, Elisabeth Dudziak (2003, 2008, 2010) e Regina Belluzzo (2004, 2014, 2018) adotaram a tradução *competência em informação*. Helen de Castro Silva Casarin, desde 2006, possui publicações que privilegiam o vocábulo competência (*competência informacional*, *Competência em Informação* e *competências informacionais*); Elizete Vitorino, até 2014, utilizou *competência informacional*, mas, a partir de 2015, passou a empregar *competência em informação*¹; e Kelley Gasque (2008, 2010), desde a sua primeira publicação, em 2008, utilizou apenas *letramento informacional*².

¹ Verificação feita a partir de localização de palavras nos títulos dos artigos na seção “Produção bibliográfica” do currículo Lattes de ambas autoras.

² Os termos referentes às traduções de *information literacy* mencionadas neste artigo estão grafados em letras iniciais minúsculas. Nos casos em que se menciona o termo de determinada autoria, este é grafado conforme a escolha de cada autora.

(Alves; Macedo; Galindo, 2023a, p. 2-3)

No artigo mencionado, evidenciamos, por meio da exposição dos dados e da nossa análise, que os arranjos terminológicos-conceituais propostos pelas pesquisadoras-fundantes são permeados por um contexto social, político e ideológico e que, portanto, esses posicionamentos não podem ser desconsiderados por parte daquelas e daqueles que se apropriam de tais concepções.

Todavia, na análise da segunda década, a atenção a esses elementos, não foi uma prática constatada no campo, mas, sim, a aparição de várias traduções e configurações linguísticas distintas para se referir a um mesmo

termo estrangeiro (*information literacy*)³ em um mesmo trabalho, demonstrando uma dificuldade das pesquisadoras-influenciadas em compreender a dinâmica terminológico-conceitual e epistêmica existente nessa área de conhecimento.

Sendo assim, adotamos a mesma matriz teórica e analítica do estudo anterior que parte dos conceitos de campo científico (Bourdieu, 1976) e vieses epistêmicos (Caponi, 2023). Tais concepções nos ajudam a compreender o debate que ocorreu ao longo desses anos a respeito dos diferentes argumentos referidos pelas pessoas pesquisadoras para defender os termos vernáculos escolhidos para traduzir *information literacy* no Brasil. Essas tensões se estabelecem em função dos elementos que compõem o campo científico (tais como a autonomia do campo científico, o capital científico e o *habitus* das pesquisadoras e as dimensões política e epistemológica, que direcionam os interesses e as frentes de pesquisa). Ademais, por compreendermos que essas escolhas léxicas não são neutras, concordamos com a afirmação de Bufrem e Gabriel Júnior (2011) sobre o termo não poder ser tomado como algo isolado, uma vez que, ao representar o conceito, inscreve-se como enunciado que compõe os discursos.

Para este estudo, adotamos a pesquisa exploratória e bibliográfica. A descrição detalhada dos procedimentos de coleta e o levantamento sistemático dos dados que originaram os resultados obtidos foram reunidos em um *dataset* e disponibilizados no repositório de dados Zenodo (Alves, 2024). Devido às limitações espaciais do artigo e à extensão das etapas metodológicas, não será possível elencá-las em detalhes, daí a necessidade de recorrer ao *dataset*.

O levantamento foi realizado em bases de dados⁴ na área da Biblioteconomia, Ciência da Informação (BCI) e Gestão da Informação, e inclui artigos, dissertações, teses e trabalhos em eventos, cujo intervalo temporal foi de 2000 a 2022. Nessa busca, coletamos, na primeira etapa, 156 trabalhos e, na

³ Aqui não nos referimos aos trechos dos artigos analisados em que as autorias expõem as traduções de *information literacy*, mas, sim, quando num mesmo trabalho, utilizam-se termos vernáculos distintos como sinônimos.

⁴ Biblioteca virtual do Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e nas seguintes bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (CTDC); Coleção BENANCIB e a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI).

segunda etapa, após aplicação de critérios específicos, consolidou-se 95. O objetivo do estudo mais amplo (Alves, 2023) foi o de analisar o termo *letramento informacional*, por isso, este foi o termo buscado nas bases de dados. Todavia, nossa intenção foi entender os motivos que levaram à elaboração dessa tradução, quando o campo já utilizava, majoritariamente, os termos *competência em informação* e *competência informacional* para traduzir *information literacy*. Para isso, a coleta de trabalhos sobre os termos *competência em informação* e *competência informacional*, se originou de três modos: 1) do *corpus* principal sobre letramento informacional; 2) das obras citadas no referido *corpus*; e 3) de pesquisa complementar feita na BRAPCI para recuperar trabalhos de revisão sobre os dois termos. Além disso, recorreremos também a fontes primárias citadas nos trabalhos do *corpus* para entender as origens dos fundamentos conceituais argumentados e ao Currículo Lattes das pesquisadoras para verificar os usos terminológicos dos termos (o que resultou em 46 trabalhos coletados). Os trabalhos do *corpus* citados neste artigo foram reunidos no Apêndice A.

Para análise e interpretação dos dados, utilizamos a análise de conteúdo (Bardin, 2008). O recorte aqui apresentado faz parte de um debate maior que mostrou outras facetas de apropriações dos termos (Alves, 2023). Dadas as limitações espaciais, selecionamos alguns exemplos para fins de caracterização do debate, para demonstrar a ocorrência dos fenômenos. Ressaltamos que tais fenômenos estão presentes nos trabalhos do *corpus* como um todo, porém extraímos alguns para fins de representação. A apresentação se deu por meio de duas categorias: 1) ambiguidades, contradições e disputas epistêmicas; 2) inconsistências e problemas éticos. Reiteramos que nossa intenção não é a de julgar ou personalizar as autorias que citamos no debate, mas, sim, discutir os posicionamentos ideológicos presentes no campo e isso não é possível sem apresentar as autorias e suas obras.

Na apresentação dos dados, o recurso gráfico sublinhado duplo é utilizado para diferenciar as chamadas de citações das pesquisas que usamos como referencial teórico dos estudos os quais citamos e que fazem parte do *corpus*. Na seção 3, utilizamos o recurso sublinhado espesso para indicar as chamadas de citações das obras das pesquisadoras-fundantes que são citadas pelas

pesquisadoras-influenciadas nos trabalhos do *corpus*.

2 O DEBATE CONTINUA: AMBIGUIDADES, CONTRADIÇÕES E DISPUTAS EPISTÊMICAS

Na apresentação da primeira parte dos resultados deste estudo (Alves; Macedo; Galindo, 2023a), sistematizamos os argumentos utilizados pelas pesquisadoras-fundantes em prol da defesa de suas escolhas e mostramos como esses argumentos, apesar de legítimos, também se mostraram ambíguos e paradoxais. A seguir, trazemos a manifestação desse debate na última década, revelando não apenas a manutenção dos mesmos fenômenos, mas também desvelando a forma como os termos foram apropriados pelas pesquisadoras-influenciadas.

Apresentaremos, doravante, como esse debate vem sendo desenhado por parte dos trabalhos que analisamos no *corpus*. Os argumentos de Nascimento (2018, p. 83), por exemplo, são bem enfáticos na discordância das adesões à competência em informação ou à competência informacional, pois, para o pesquisador, há de se olhar com cuidado para esses termos, uma vez que “suas origens [situam-se] no campo do trabalho e das finanças, ou seja, da formação de mão de obra”. O pesquisador questiona, inclusive, a pertinência da tradução adotada na publicação da Unesco (Horton Júnior, 2013), considerando o contexto e as origens do termo. Nascimento (2018) continua:

Assim, podemos entender que o termo competência tem suas origens fora do campo educacional e que, apesar de se referir a um conjunto de habilidades dos indivíduos, não vai mais fundo ao procurar questionar os verdadeiros saberes intelectuais que se utilizam da bagagem cognitiva, emocional e situacional dos sujeitos.

[...] Dessa forma, verifica-se uma indefinição terminológica e a propagação indiscriminada do vocábulo no país, sem a necessária reflexão sobre seu real significado, sem uma ampla compreensão sobre o que de fato seriam as relações dos sujeitos, enquanto possíveis protagonistas de sua própria trajetória informacional (Nascimento, 2018, p. 84).

Acerca do julgamento feito por Nascimento (2018) a respeito do questionamento dos “verdadeiros saberes intelectuais” supostamente ausentes no termo *competência*, é possível identificar, por exemplo, na obra *Compreender*

e ensinar: por uma docência de melhor qualidade, de Terezinha Rios (2008) — autora do campo da Filosofia da Educação que serviu de arcabouço teórico para o adensamento do termo *competência informacional* para as pesquisadoras Vitorino e Piantola (2009; 2011; 2020) —, uma profunda imersão nesse conceito, justamente para “Ir contra o caráter ideológico do discurso da competência [...]” (Rios, 2008, p. 65), o que significa:

[...] procurar trazer, para os sujeitos sociais e suas relações, as ideias e os valores que parecem ter sido deslocados para o espaço de uma racionalidade cientificista, de uma suposta neutralidade, em que os homens [e as mulheres] se encontram reduzidos à condição de objetos sociais e não sujeitos históricos (Rios, 2008, p. 65).

Terezinha Rios menciona que, comumente, o termo *competência* tem sido utilizado para “designar múltiplos conceitos”, tais como: “capacidade, saber, habilidade, conjunto de habilidades, especificidade” (Rios, 2008, p. 67). Importa para ela, porém, “recuperar ou reestabelecer o sentido mais abrangente” do termo para revitalizá-lo em sua significação (Rios, 2008, p. 65). Diz ainda a autora que vale menos investigar a “significação correta” dos termos e conceitos do ponto de vista lógico e mais questionar “do ponto de vista ético-político, quais são as implicações de sua utilização e de que maneira podemos evitar distorções, não apenas na configuração teórica”, mas sobretudo “na prática que se desenvolve socialmente” (Rios, 2008, p. 67), e finaliza alegando que:

O que está em questão não são, na verdade, as palavras, os termos, e sim os objetos da realidade que eles designam. [...] Para responder a essas indagações, é necessário investigar o sentido com que os termos têm sido utilizados, nas circunstâncias concretas em que se desenvolve a práxis educativa (Rios, 2008, p. 67; 68).

Embora consciente da defesa de algumas pesquisadoras que evitam uma redução do conceito de *competência* a uma mera aquisição de habilidades e caracterizam as dimensões mais amplas que esse termo abarca, Nascimento (2018) mantém o posicionamento a respeito do seu uso:

Contudo, o que podemos observar, a partir da literatura, é que o conceito de competência, ao contrário do que afirmam os autores⁵, é justamente considerado como um conjunto de

⁵ No parágrafo anterior a essa citação, Nascimento (2018, p. 84) escreve o seguinte: “Melo e Araújo (2007, p. 188) nos afirmam que: ‘Assim temos que, o conceito de competência em informação ultrapassa a noção de simples aquisição de mais um conjunto de habilidades e

habilidades técnicas, de caráter adaptativo dos sujeitos às lógicas das chamadas sociedades da informação, o que permite afirmar tratar-se de termo impróprio, portanto, para a representação dos saberes e fazeres informacionais cujo domínio seria demandado aos sujeitos nos processos de produção de conhecimento e cultura, dinâmica que ultrapassa o do mero uso eficaz, “competente” da informação (Nascimento, 2018, p. 84).

Ao olharmos esse domínio a partir da constatação de que há uma disputa terminológica e conceitual, isso nos permite investigar a quais interesses e vinculações epistêmicas os agentes do campo respondem. Pode-se, por exemplo, verificar que Nascimento (2018) faz parte de um grupo de pesquisadores que defendem uma concepção de informação e de educação que o faz discordar do uso do termo *competência* para traduzir *literacy*. Essa concepção pode ser explicitada nestes termos:

[...] Com certeza, o desenvolvimento de “competências informacionais” específicas e especializadas, ligadas ao mundo do trabalho⁶, remetem a problemáticas distintas da aprendizagem de “saberes informacionais”, ligadas ao mundo da educação escolar, da cultura e da participação na vida cotidiana, em geral (Nascimento, 2018, p. 20).

Nascimento (2018) teve sua dissertação de Mestrado orientada pelo docente Edmir Perrotti, pesquisador proeminente na temática da Infoeducação, o qual, ao tratar das traduções de *information literacy*, em 2013, não cita nenhuma das expressões ligadas ao termo *competência*, desconsiderando a primeira tradução, sendo que este nome foi sugerido como tradução para *information literacy*, desde 2001, por Elisabeth Dudziak e, até hoje, é o termo mais frequentemente utilizado quando se trata da tradução de *information literacy* na Biblioteconomia brasileira:

[...] em espanhol o termo *alfabetización informacional* (comumente substituído pela sigla ALFIN); em francês, *éducation à l'information* (educação para a informação), bem

chega a se caracterizar como um requisito para a participação social ética e eficaz dos indivíduos neste novo contexto social, buscado no uso intensivo de informação e conhecimento”. A referência do trabalho citado por Nascimento é: MELO, A. V. C.; ARAUJO, E. A. Competência informacional e gestão do conhecimento: uma relação necessária no contexto da sociedade da informação. *Perspect. ciênc. inf.*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 185-201, ago. 2007.

⁶ Posteriormente, Nascimento (2018, p. 107) vai explicar que: “em 2014, o próprio Zurkowski afirmou que a proposta da IL surgiu, pois a *Information Industry Association* reconhecia que os ‘trabalhadores’ não possuíam o ‘treinamento’ adequado para operar a tecnologia disponibilizada” (Zurkowski, 2014).

como *culture de l'information* (cultura da informação), designações que vêm convivendo ou sendo utilizadas no lugar de *éducation documentaire* (educação documentária); **em português, termos “alfabetização informacional” e, mais recentemente, “letramento informacional”** e a expressão “literacia”, utilizada em Portugal, além de *Infoeducação* [...] (PERROTI; PIERUCCINI, 2013, p. 10⁷, citadas por Nascimento, 2018, p. 83, supressão do autor, grifo nosso).

Notamos também que Gama (2013, p. 134), a respeito da competência informacional, defende que “A competência seria o resultado de um extenso processo de aprendizado que o indivíduo vivencia ao longo de sua vida”. Esse mesmo conceito se assemelha ao que foi proposto por Kelley Gasque para definir letramento informacional. Se Ana Claudia Gama não denomina esse processo como letramento informacional, mas considera que o resultado dele é a competência informacional, Gasque denomina esse processo como letramento informacional, mas não considera, explicitamente, que o resultado dele seja a competência, mas, sim, assume que nele ocorre o desenvolvimento de competências.

Vemos que há elementos em comum na forma como algumas pesquisadoras entendem o tema e, mesmo assim, designam termos distintos. Além disso, Gama (2013, p. 131) defende a transposição dos conceitos de alfabetização e letramento do campo da Educação para a área da CI, da mesma forma que argumentou Gasque, porém, o termo adotado por Gama (2013) como tradução de *information literacy* é competência informacional, mas os objetivos são iguais em ambas as pesquisadoras:

Fazer a transposição de conceitos [alfabetização e letramento] da área de Educação para a área de Ciência da Informação é um procedimento válido, uma vez que a competência informacional representa um processo de aprendizagem ao longo da vida (Gama, 2013, p. 131).

Outros embates a esse respeito se estabelecem no campo revelando termos diferentes guiados por posicionamentos teóricos e tradições epistemológicas distintas, mas resultando em concepções semelhantes. É o que se pode verificar nestas duas citações:

⁷ PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Novos saberes para o século XXI. In: Rosa Helena Mendonça; Magda Frediani Martins. (Org.). Novos saberes para a Educação. 1 ed. Rio de Janeiro: TV Escola/MEC, 2013, v. 4, p. 9-25.

Assim, **a pessoa letrada em informação** nunca atinge um padrão fixo, nunca se forma segundo um modelo definitivo, ela está sempre aprendendo, e sempre modificando o rumo de sua própria aprendizagem, segundo sua relação imensamente complexa com as outras pessoas e com o ambiente informacional, cultural, social ao seu redor. **Talvez por isso o termo “competência” seja evitado por Gasque e outros estudiosos, a fim de impedir o mal-entendido de que se esteja falando de capacidades que uma vez atingidas, não mais se modificam.** [...] Para reforçar a noção de constante crescimento, que se dirige a ainda mais crescimento, é que muitos estudiosos fazem a opção de traduzir “*information literacy*” por “letramento informacional” (Matos; Ferreira, 2016, p. 37, grifo nosso).

Por fim, há que se considerar que não há “atestado” ou “certificação” que confere a um sujeito(a) o título de competente em informação, pois trata-se de um modo de prática informacional que considera a crítica e a ética. **Os projetos de competência em informação não formam pessoas competentes em informação, pois eles promovem uma prática e não um status** (Zattar, 2018, último parágrafo, grifo nosso).

Havíamos questionado sobre os termos letrado em informação, letrado informacionalmente ou informacionalmente letrado (ou, ainda, competente em informação), tendo em vista o conceito de letramento informacional que ora pode ser tomado como processo e como *continuum* e ora como uma condição ou um estado (Alves, 2023). Questionamos se se trataria de uma nuance linguística ou se, de fato, haveria a compreensão de que existem ou podem existir “pessoas letradas informacionalmente” sem nenhum complemento contextual a essa expressão. Nos estudos que consideram o letramento como um conjunto de práticas sociais (*literacy as social practice*) (Street, 1997), não há a compreensão de letramento como um rótulo a ser ou não carimbado de modo a caracterizar ou classificar as pessoas. Esse tipo de denominação está relacionado nas palavras de Terra (2013):

[...] às necessidades e ao conceito de letramento que vigora em contextos e em situações específicas. Para algumas pessoas, ser letrado pode significar, por exemplo, ter a capacidade de trabalhar em um escritório; para outros, no entanto, significa ser capaz de escrever uma carta para amigos e/ou familiares; já para outros, ser letrado é ser capaz de assinar o seu próprio nome, e assim por diante (Terra, 2013, p. 32).

Por seu turno, Owusu-Ansah (2005), no debate sobre *information literacy*, assegura que, atualmente, parte-se da compreensão de que se deve esperar

das pessoas níveis variados de *information literacy*, seja ela entendida como fluência ou competência. A terminologia utilizada não interfere na manifestação do fenômeno, pois “**Competency and fluency** também não representam pontos finais fixos. Como *literacy*, representam graus de realização mais elevados ao longo de um *continuum* de habilidades, familiaridade e eficiência acumuladas” (Owusu-Ansah, 2005, p. 373, grifo nosso).

De um lado, nas citações anteriores, José Claudio Matos (2015) usa a expressão “pessoa letrada em informação”, mas depois a define em função, justamente, da não estaticidade desse conceito, considerando a aprendizagem e o crescimento contínuo. Em seguida, o pesquisador coloca o termo *letramento informacional* em oposição ao termo *competência*, por julgar que este último se trata de capacidades de caráter imobilizante. Por outro lado, a citação de Marianna Zattar (2018) apresenta um conceito de *competência* inverso àquilo que trouxe Matos (2015). A autora não é a favor do termo *competente em informação* para designar um *status*, uma certificação ou um atestado, mas, sim, o considera como uma prática.

Verificamos que a concepção de Zattar (2018) não é uma noção predominante no campo da competência em informação, mas faz parte de uma vertente crítica do campo, assim como os estudos coletados no *corpus* de Brasileiro (2017), Silva, Araújo, Oliveira e Alves (2020) e Santos e Maia (2022), por exemplo, que consideram letramento informacional e *information literacy* numa perspectiva diferente da tradicionalmente estudada no Brasil. Entretanto, trouxemos o estudo de Zattar (2018) para mostrar mais um exemplo das tensões que permeiam os estudos sobre *information literacy* no Brasil, indicando que: um mesmo termo pode ter, não apenas concepções distintas, como também pode ter atributos opostos, a depender de quem fala e de onde fala (Bourdieu, 2004); e que o campo científico enquanto uma arena ideológica é um espaço em que se manifestam posicionamentos diversos e seus agentes se organizam conforme determinadas estratégias na luta concorrencial para adquirir capital simbólico e científico (Bourdieu, 1976).

Já a justificativa de Pereira (2018) a favor do termo *letramento informacional* é a mesma utilizada pelos que defendem os termos *competência*

em informação e competência informacional em relação à amplitude temática:

Nesta pesquisa, opta-se pelo uso do termo letramento Informacional, por entender **que letramento está em um nível mais amplo que competência**. Não se restringe ao desenvolvimento de habilidades profissionais voltadas à esfera empresarial, sendo mais pertinente ao **campo do conhecimento**, pois trata-se de um processo contínuo **de aprendizagem ao longo da vida**. Esse movimento constante está intrinsecamente ligado ao aprendizado e aquisição do conhecimento (Pereira, 2018, p. 50, grifo nosso).

O argumento de Pereira (2018) difere do que disseram Vitorino e Piantola (2013, p. 150), por exemplo, quando estas últimas consideram que alfabetização e letramento “são partes do termo mais amplo — a Competência Informacional [...]”. A especificidade acerca do “conhecimento” também não parece ser uma exclusividade do letramento informacional, visto que Dudziak (2003), Coneglian, Santos e Casarin (2010) e Belluzzo (2018) já destacavam esse elemento em seus conceitos de *competência em informação* e *competência informacional*. Além disso, a questão da “aprendizagem ao longo da vida” é algo que acompanha a *information literacy* desde seus conceitos fundadores, portanto está presente nos contextos dos três termos.

Também o conceito de *competência* não é livre de argumentos opostos. Se Coneglian, Santos e Casarin (2010, p. 257), por um lado, afirmaram que “o termo ‘competência’ não está relacionado ao conceito de ‘competitividade’, mas, sim, à habilidade de alguém utilizar seu conhecimento para alcançar um propósito”; por outro lado, Aguiar (2018, p. 92), ao recorrer à etimologia da palavra *competência*, “do latim *competĕre*, que significa competir”, conclui que “o termo competência demonstra resultado, capacidade, habilidade e competitividade” e que é preciso “compreender e identificar quais são as competências necessárias para proporcionar ao indivíduo a competitividade exigida pela sociedade contemporânea” (Aguiar, 2018, p. 106).

A partir desse debate, constatamos que essas diferenças conceituais fazem parte da conjuntura científica, uma vez que “[...] grupos diferentes podem vincular seus interesses a este ou àquele sentido possível das palavras [...]” (Bourdieu, 2004, p. 138). Como disse Hjørland (2008), a caracterização dos conceitos científicos depende da teoria adotada para conceituá-los; dessa forma, teorias diferentes utilizadas para definir um mesmo conceito gerarão conceitos

distintos. Vimos que os termos analisados, embora partam da matriz comum *information literacy*, ao serem traduzidos por etiquetas diferentes e fundamentados por pesquisadoras distintas, passam a ser guiados por tradições teóricas específicas. Quer dizer, apesar de terem os mesmos objetivos e compartilharem elementos comuns na esfera conceitual, do ponto de vista terminológico possuem argumentações específicas para aceitar determinados vocábulos e rejeitar outros, a favor daquilo que se quer dizer.

Com isso, nossa intenção é contribuir para as discussões do campo, ao evidenciar que as divergências de posicionamentos entre as autorias são próprias do universo científico, mas também chamar atenção para o fato de que o alargamento ou difusão de certos domínios terminológicos pode gerar determinados fenômenos linguísticos, tais como ambiguidades e contradições que podem comprometer a precisão conceitual e o rigor científico, necessitando, assim, de cuidados por parte dessas apropriações.

3 APROPRIAÇÃO TERMINOLÓGICO-CONCEITUAL POR PARTE DAS PESQUISADORAS-INFLUENCIADAS: INCONSISTÊNCIAS E PROBLEMAS ÉTICOS

O primeiro ponto de tensão que predominou nos trabalhos analisados foi a questão da indiscriminação terminológica, consequência de uma ausência de atenção para com as diferenças entre os termos e seus conceitos, o que contribui para a confusão e a fragilidade terminológica e resulta em problemas éticos. Há, em muitos trabalhos, uma desatenção quanto a essa disputa e termina-se por desconsiderar as demarcações que cada pesquisadora-fundante instaurou.

Verificamos que não havia clareza, na maior parte dos trabalhos, sobre o fato de que cada tradução brasileira representa uma posição científico-política da pesquisadora-fundante que a elaborou. A nossa análise do *corpus* identificou que um conjunto de trabalhos utiliza conceitos de determinadas pesquisadoras-fundantes para termos não escolhidos por elas, mas, sim, pelas pesquisadoras-influenciadas. Ou seja, muitos trabalhos não usam a terminologia defendida pela pesquisadora referenciada, preferindo substituí-la pela terminologia escolhida pelas pesquisadoras do trabalho (nas citações indiretas). Essa forma de

apropriação, que denominamos *uso de terminologia por conveniência*, ocorreu nas menções às seguintes pesquisadoras-fundantes: Elisabeth Dudziak; Bernadete Campello; Kelley Gasque; Sônia Caregnato; Elizete Vitorino e Daniela Piantola; Marta da Mata e Helen Casarin; e Djuli de Lucca e Elizete Vitorino.

Identificamos um conjunto de trabalhos (Giordano, 2011; Gomes; Fialho, Silva, 2013; Felix, 2014; Almeida, 2015; Santos; Machado, 2015; Matos; Ferreira, 2016; Ribeiro, 2016; Silva; Cunha, 2016; Zinn, 2016; Pinto, 2018; Estabel; Luce; Santini, 2020; Santos, 2021) que utilizam Dudziak (2003; 2005; 2008) como referência para falar de *letramento informacional*, porém não deixa claro que a pesquisadora-fundante não usa este termo, e sim os termos *information literacy*, *competência em informação* ou *competência informacional* em seus trabalhos.

Uma das suposições acerca dessas menções a Dudziak (2001; 2003) para tratar e conceituar o termo *letramento informacional*, como se ela usasse esse termo em suas obras, deve-se, em parte, além de ser a pesquisadora pioneira na análise do tema *information literacy* (e, ao longo do tempo, a mais citada), ao fato de ter utilizado o original em inglês em sua dissertação. Isso fez com que as pesquisadoras-influenciadas que investigam o tema sob o termo *letramento informacional* o traduzissem conforme o termo escolhido no trabalho, como fizeram com os documentos estrangeiros. Porém, em se tratando de trabalhos que foram escritos após 2010, quer dizer, considerando que Dudziak (2001) escolheu o termo original para sua dissertação, mas após esse trabalho defendeu sua preferência pela expressão vernácula *competência em informação* e manteve sua escolha durante os outros trabalhos posteriores (Dudziak, 2002, 2003, 2008, 2010), soa incoerente mencioná-la para fazer referência ao termo *letramento informacional*, uma vez que esta declarou não ser a favor dessa tradução (Dudziak, 2010).

Com isso, não estamos querendo insinuar que Elisabeth Dudziak não deva ser usada como referência para tratar do tema, pelo contrário. É evidente que o letramento informacional possui sua matriz conceitual na *information literacy*, assim como as outras traduções. Contudo, o debate no contexto brasileiro, além da questão conceitual, resultou em uma discussão terminológica e, portanto, os posicionamentos de cada pesquisadora-fundante não podem ser

desconsiderados.

Desse modo, consideramos que uma tradução reflete uma posição de poder. A partir do momento em que se nomeia algo, cria-se algo. Quando uma pesquisadora traduz de forma diferente um termo estrangeiro que já havia sido traduzido, isso representa uma discordância em relação à primeira tradução, seja por considerá-la inadequada ou por querer demarcar uma mudança de foco, de dimensão e, conseqüentemente, de posicionamento ideológico no tratamento daquele tema. Acreditamos que a tradução de *information literacy* para *letramento informacional* em relação à tradução para *competência em informação* e *competência informacional* tenha partido desse incômodo. Portanto, o que se mostra coerente é indicar essas especificidades respeitando a terminologia proposta e escolhida por cada pesquisadora-fundante, bem como a terminologia escolhidas pelas pesquisadoras-influenciadas.

Da mesma forma, há citações no *corpus* (Santos; Machado, 2015; Zinn, 2016; Cavalcanti; Santos, 2020) a pesquisadoras-fundantes como Vitorino e Piantola (2009; 2011) para tratar do termo *letramento informacional*, sendo que nessas duas produções as pesquisadoras usam o termo *competência informacional*. Ou, até mesmo, encontramos o uso do trabalho de Mata e Casarin (2010) para definir *letramento informacional* (Matos; Ferreira, 2016), quando, na verdade, aquelas pesquisadoras-fundantes utilizam o termo *competência informacional*. Além disso, há pesquisadoras como Caregnato (2000), que usaram originalmente o termo *alfabetização informacional*, mas houve trabalho do *corpus* que citou por *letramento informacional* (Azevedo, 2020). E, há outras, como Lucca e Vitorino (2015; 2019), que utilizaram originalmente o termo *competência em informação*, mas no momento da referência, quando citadas pelos trabalhos do *corpus*, tiveram este termo substituído por *letramento informacional* na citação indireta (Luce; Thomaz; Estabel, 2019; Santos, 2020).

O que foi dito anteriormente a respeito de Elisabeth Dudziak se adequa às apropriações que foram feitas das outras pesquisadoras-fundantes aqui citadas. Entretanto, como esses usos foram feitos por trabalhos brasileiros que usam os termos vernáculos para *information literacy* e, ainda assim, houve apropriação inconsistente entre o que foi utilizado no documento primário —

information literacy por Dudziak (2003); *competência informacional* por Vitorino e Piantola (2009); *competência informacional* por Mata e Casarin (2010); *alfabetização informacional* por Caregnato (2000); e *competência em informação* por Lucca e Vitorino (2019) — e o que foi escolhido nos trabalhos mencionados do *corpus* (*letramento informacional*), essas formas de apropriação podem ser analisadas a partir de pontos de vista diferentes: 1) como uma ausência de atenção no que tange a essas tensões terminológicas existentes no campo e, conseqüentemente, uma incoerência em relação aos termos utilizados nos documentos primários; 2) como uma dificuldade de compreensão do tema, visto que os termos são distintos, mas os conceitos são relativamente semelhantes (embora guiados teoricamente por correntes diferentes); ou, em última instância, 3) como demarcação de um posicionamento das pesquisadoras-influenciadas a respeito do tema e da escolha terminológica, inserindo-se na disputa instaurada no campo.

4 CONCLUSÕES

Este artigo apresentou duas facetas do debate acerca das traduções de *information literacy* no âmbito da BCI brasileira na segunda década dos anos 2000, e evidenciou que não há uma clareza, por parte da maioria das pesquisadoras-influenciadas, acerca dos elementos que caracterizam a tensão terminológica existente no campo. A análise do *corpus* demonstrou que todas as pesquisadoras estão cientes da diversidade de termos e apontam as variações terminológicas em seus trabalhos, todavia, essas apropriações ocorrem de modo pouco atencioso em relação às diferenças ideológicas entre os termos, o que gera enunciados ambíguos, contraditórios e inconsistentes.

Portanto, o que as pesquisadoras e pesquisadores parecem ter descuidado é da importância, diante dessa peculiaridade do campo, de esclarecer, em seus trabalhos, a terminologia que será adotada no trabalho e/ou para traduzir os termos estrangeiros para o português (ou seja, suas posições epistêmicas) e de respeitar a terminologia utilizada nas produções das pesquisadoras-fundantes brasileiras, quando feitas citações diretas e indiretas a seus conceitos, visto que essas traduções não foram propostas de forma

aleatória, mas cada uma possui uma justificativa, um argumento e um posicionamento ideológico que a subjaz e que não deveria ser ignorado pelo campo.

Dado que a linguagem é uma arena que pode ser articulada de modo a causar múltiplos sentidos e, considerando que o campo científico possui suas estratégias de manutenção e subversão, embora os discursos utilizados para defender um ou outro termo sejam polissêmicos (já que possuem uma matriz comum e os mesmos objetivos), isso não autorizaria, a nosso ver, o descuido com os usos dos termos em questão e, pelo contrário, exigiria uma atenção redobrada. Ao mesmo tempo que sabemos que a própria polissemia e vivacidade da linguagem podem favorecer esses fenômenos múltiplos de apropriação dos termos, acreditamos que isso não isentaria o rigor necessário na elaboração e uso dos termos e seus conceitos, conforme afirmou Francelin (2011).

Notamos que não há preocupação do campo em problematizar ou esclarecer essas tensões de posicionamentos de cada pesquisadora-fundante, de modo que constatamos apenas um trabalho que discutiu sobre isso (Weitzel; Calil Junior; Achilles, 2015). Embora haja clareza por parte de poucos trabalhos (Rasteli, 2015; Pereira, 2018) acerca do termo que cada pesquisadora cunhou, defende ou utiliza, não encontramos uma consciência nas discussões acadêmicas do *corpus* acerca dos posicionamentos e discursos das pesquisadoras-fundantes, resultantes de suas formas de “percepção e construção do mundo social” nos dizeres de Bourdieu (Bourdieu; Chartier, 2011, p. 120).

Por isso, é importante frisar que essas opções consistem em escolhas teóricas, terminológicas e conceituais de suas pesquisadoras-fundantes, as quais partem de ecologias intelectuais específicas. O respeito a essas escolhas, sempre que cada pesquisadora-fundante for citada, é uma das práticas coerentes das regras do jogo do campo científico. Entretanto, como já dissemos, a inconsistência ou subversão também pode ensejar outra dimensão da disputa terminológico-conceitual no campo científico.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Mariana de Souza. **Apropriação do termo letramento pela Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira**: tensões terminológico-conceituais em torno do letramento informacional. Orientação: Marcos Galindo Lima. Coorientação: Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo. 2023. 542f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/handle/123456789/53340>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- ALVES, Mariana de Souza; MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes; GALINDO, Marcos. O debate terminológico-conceitual em torno do uso dos termos competência em informação, competência informacional e letramento informacional na primeira década dos anos 2000 no Brasil. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, e6576, novembro 2023a. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v19i2.6576>.
- ALVES, Mariana de Souza; MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes; GALINDO, Marcos. A chegada da information literacy no Brasil: apropriação conceitual e implicações para as traduções. **Páginas a&b**: arquivos e bibliotecas, Portugal, n. 20, p. 302–334, 2023b. DOI: <https://doi.org/10.21747/21836671/pag20a18>
- ALVES, Mariana de Souza. **Data on scientific production on letramento informacional in Brazil**: collection procedures and resulting corpus. [Dataset of thesis] [Data set], 2024. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.10672668>
- ALVES, Mariana de Souza. Elaboração terminológico-conceitual do letramento informacional no Brasil: uma análise das obras de Bernadete Campello e de Kelley Gasque. **Biblios Journal of Librarianship and Information Science**, [S. l.], n. 87, p. e012, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5195/biblios.2024.1320>.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. [Lisboa]: Edições 70, 2008.
- BOURDIEU, P. **Le champ scientifique**. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n. 2/3, p. 88-104, jun. 1976. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/arss_03355322_1976_num_2_2_3454#:~:text=Le%20champ%20scientifique%20comme%20syst%C3%A8me,comme%20capacit%C3%A9%20technique%20et%20comme. Acesso em: 4 set. 2025
- BOURDIEU, P. Leitura, leitores, letrados, literatura. *In*: Bourdieu, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. Revisão técnica Paula Monteiro. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 134- 146.
- BOURDIEU, P.; CHARTIER, R. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BUFREM, L. S.; GABRIEL JUNIOR, R. F. A apropriação do conceito como objeto na literatura periódica científica em ciência da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 16, n. 2, 2011, p. 52-9. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10387>. Acesso em: 15 abr. 2023.

CAPONI, G. ¿Qué es un sesgo ideológico? **Revista de Humanidades de Valparaíso**, [S.l.], n. 21, p. 62-85, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22370/rhv2023iss21pp65-82>. Acesso em: 4 set. 2025.

FRANCELIN, M. M. Conceitos, domínios do saber e fronteiras epistemológicas. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 172-165, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1938>. Acesso em: 24 jul. 2023.

HJØRLAND, B. Concept in Knowledge Organization (KO). **Lifeboat for Knowledge Organization**. [S. l.: s. n.], 2008. Disponível em: https://web.archive.org/web/20181213225057/http://arkiv.inf.ku.dk/KoLifeboat/CONCEPTS/concept_in_knowledge_organization.htm. Acesso em: 24 jul. 2023.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar**: por uma docência de melhor qualidade. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

TERRA, M. R. Letramento & letramentos: uma perspectiva sócio-cultural dos usos da escrita. **D.E.L.T.A.**, v. 29, n. 1, p. 29-58, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/9865>. Acesso em: 24 jul. 2023.

STREET, B. V. The Implications of the 'New Literacy Studies' for Literacy Education. **English in Education**, v. 31, n. 3, 45-59, 1997.

APÊNDICE A – OBRAS DO CORPUS CITADAS

Produções internacionais sobre information literacy

HORTON JÚNIOR., F. W. **Overview of information literacy: resources worldwide**. Paris: UNESCO, 2013. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002196/219667e.pdf>. Acesso em: 2 maio 2016.

LAU, J. **Guidelines on information literacy for lifelong learning**. IFLA: Boca del Río, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/246350946_Guidelines_on_Information_Literacy_for_Lifelong_Learning. Acesso em: 24 jul. 2023.

OWUSU-ANSAH, E. K. Debating definitions of information literacy: enough is enough! **Library Review**, United Kingdom, v. 54, n. 6, 2005, p. 366-374. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/00242530510605494/full/html>. Acesso em: 18 nov. 2020.

Produções do corpus sobre letramento informacional

AGUIAR, N. C. **O letramento para a competência informacional em bibliotecas escolares**: estudo a partir dos projetos políticos-pedagógicos dos colégios de aplicação das universidades federais brasileiras. Orientadora: Adriana Bogliolo Sirihal Duarte. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

ALMEIDA, R. O. **Bibliotecários universitários**: da guarda de livros ao letramento informacional. Orientadora: Giselle Martins dos Santos Ferreira. 2015. 199 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2015.

AZEVEDO, K. R. **Letramento informacional em bibliotecas do Instituto Federal do Espírito Santo**: o trabalho do bibliotecário frente às demandas e necessidades informacionais dos estudantes. 2020. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

BRASILEIRO, F. S. **Resiliência informacional**: modelo baseado em práticas informacionais colaborativas em redes sociais virtuais. Orientador: Gustavo Henrique de Araújo Freire. 2017. 227 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

CAVALCANTI, L. A. B.; SANTOS, A. P. **Formação continuada e prática profissional**: análise das contribuições do Curso de Especialização em Letramento Informacional da Universidade Federal de Goiás para a ampliação da prática profissional. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 46-68, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/160752>. Acesso em: 21 ago. 2021.

ESTABEL, L. B.; LUCE, B. F.; SANTINI, L. A. Idosos, fake news e letramento informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S.l.], v. 16, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/136587>. Acesso em: 21 ago. 2021.

FELIX, A. F. **Práticas educativas em bibliotecas escolares**: a perspectiva da cultura escolar – uma análise de múltiplos casos na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Orientadora: Adriana Bogliolo Sirihal Duarte. 2014. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

GAMA, A. C. S. C. **Competência informacional**: aprendizado individual ao longo da vida. Orientador: Emir José Suaiden. 2013. 509 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

GIORDANO, R. B. **Da necessidade ao conhecimento**: recuperação da informação na web em Ciência da Informação. Orientador: Jorge Calmon de Almeida Biolchini. 2011. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2011.

GOMES, S.; FIALHO, J.; SILVA, E. C. Competência informacional de agentes envolvidos no ensino a distância da Universidade Federal de Goiás – Brasil. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, [S.l.], v. 36, n. 1, p. 47-62, 2013.

LUCCA, D. M.; VITORINO, E. V. Competência em informação e necessidades de informação de idosos: o papel do profissional da informação nesse contexto. **Informação & Informação**, Londrina, v. 24, p. 458-483, 2019.

LUCCA, D. M.; VITORINO, E. V. **O desenvolvimento da competência informacional dos idosos**: um olhar para as necessidades informacionais desses indivíduos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa. Disponível em:

<http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/2812/1066>.

Acesso em: 21 ago. 2021.

SANTOS, A. S.; MAIA, L. C. G. O quê há num nome? **Information Literacy e a Coinfo. Ciência da Informação**, [S.l.], v. 51, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/193704>. Acesso em: 24 dez. 2022.

LUCE, B.; THOMAZ, R.; ESTABEL, L. Os idosos como imigrantes digitais e o acesso e uso das tecnologias digitais de informação e das redes sociais. **Biblionline**, [S.l.], v. 15, n. 4, p. 104-115, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/148549>. Acesso em: 21 ago. 2021.

MATOS, J. C. M. **Letramento informacional, crescimento e democracia**: um estudo do relatório do *Presidential Committee of Information Literacy* (1989). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais [...]** João Pessoa: UFPB, 2015.

MATOS, J. C. M.; FERREIRA, K. A filosofia de Dewey e o letramento informacional: pensamento reflexivo e crescimento na conquista do “aprender a aprender”. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 45, n. 1, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/19102>. Acesso em: 21 ago. 2021.

NASCIMENTO, L. S. **Informação e educação**: as origens da *Information Literacy* – um estudo do relatório *The Information Service Environment Relationships and Priorities*, de Paul Zurkowski. Orientador: Edmir Perrotti. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

PEREIRA, P. R. **Tomada de decisão do gestor escolar das escolas públicas de ensino médio no Distrito Federal e a interface com o letramento informacional**. Orientadora: Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque. 2018. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

PINTO, Juliana Moreira. **Interlocução entre o procedimento de tradução de Boaventura de Sousa Santos e os preceitos de competência informacional da Ciência da Informação**: um estudo de caso na área da saúde. 2018. Tese (Doutorado em Ciências Da Informação) - Universidade Federal De Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

RASTELI, A. A evolução da palavra escrita e o acesso às novas formas de construção de sentido. **Páginas A & B**, [S.l.], n. 4, p. 102-116, 2015.

RIBEIRO, L. A. M. **Curiouser Lab**: uma experiência de letramento informacional e midiático na educação. Orientadora: Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque. 2016. 412 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SANTOS, F. M. F. C. **Trilhhou**: uma aventura gamificada com Maria Livrão no universo da pesquisa escolar no ensino fundamental I. 2021. 122 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação e do Conhecimento) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

SANTOS, M. L. **Práticas de letramento informacional de idosos na biblioteca pública Epiphânio Dória**. Orientadora: Janaina Fialho. 2020. 150 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência da Informação) - Fundação Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

SANTOS, F. P.; MACHADO, L. R. S. O papel do bibliotecário de referência na construção do letramento informacional acadêmico: uma prática intersetorial e interdisciplinar. **InCID**:

Revista de Ciência da Informação e Documentação, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 142-163, 2015.
Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/40677>. Acesso em: 21 ago. 2021.

SILVA, L. F.; ARAÚJO, W. J.; OLIVEIRA, H. P. C.; ALVES, E. C. Práticas informacionais em ambientes virtuais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 25, n. 4, p. 431-451, 2020.
Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/152191>. Acesso em: 21 ago. 2021.

SILVA, J. D. O.; CUNHA, J. A. O papel educativo da biblioteca escolar no contexto do Plano Nacional de Educação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 21, n. 46, p. 45-58, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/38990>. Acesso em: 21 ago. 2021.

WEITZEL, S. R.; CALIL JUNIOR, A.; ACHILLES, D. Revisiones y reflexiones. Alfabetización informativa en las Escuelas: el papel del licenciado em Bibliotecología. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, v. 38, n. 3, p. 213-225, 2015.

ZINN, A. C. **Letramento informacional e arte educação**: ensaio de um *pas de deux*. Orientadora: Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque. 2016. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

Produções nacionais sobre Information Literacy e suas traduções

BELLUZZO, R. C. B. **A competência em informação no Brasil: cenários e espectro**. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/editora/issue/view/23>. Acesso em: 18 ago. 2021.

CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, 2000. Disponível em: <https://cedap.ufrgs.br/xmlui/bitstream/handle/20.500.11959/137/v8a3.pdf?sequence=4>. Acesso em: 24 jul. 2023.

CONEGLIAN, A. L. O.; SANTOS, C. A.; CASARIN, H. C. S. Competência em informação e sua avaliação. In: VALENTIM, M. (org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 255-275. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/110767>. Acesso em: 31 mar. 2023.

DUDZIAK, E. A. **Information Literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/ptbr.php>. Acesso em: 24 jul. 2023.

DUDZIAK, E. A. Information Literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1016>. Acesso em: 24 jul. 2023.

DUDZIAK, E. A. Competência em informação: melhores práticas educacionais voltadas para a *information literacy*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO. **Anais [...]** [S. l.: s. n.], 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001454192>. Acesso em: 11 set. 2025.

DUDZIAK, E. A. **Os faróis da sociedade de informação**: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 41-53, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1704>. Acesso em: 24 jul. 2023.

DUDZIAK, E. A. Competência informacional: análise evolucionária das tendências da pesquisa e produtividade científica em âmbito mundial. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 1-22, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/34917>. Acesso em: 2 dez. 2022.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Competência informacional dos profissionais da informação vinculados a instituições de educação superior (IES). In: BELLUZZO, R. C. B.; FERES, G. G. (org.). **Competência em informação: de reflexões às lições aprendidas**. São Paulo: FEBAB, 2013. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4556>. Acesso em: 24 jul. 2023.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. **Competência em informação: conceito, contexto histórico e olhares para a ciência da informação**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2020. 205 p. E-book (PDF). Disponível em: <https://editora.ufsc.br/estante-aberta>. Acesso em: 24 jul. 2023.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Competência informacional: bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 130-141, set./dez. 2009. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1236>. Acesso em: 24 jul. 2023.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Dimensões da competência informacional (2). **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 40, n. 1, p. 99-110, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/SjcbWRPPfNPjhF5DhFTSkcv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 jul. 2023.

ZATTAR, M. Porque a competência informacional promove a prática e não status. **Revista Biblío Cultura Informacional**, [S.l.], 4 jun. 2018. Disponível em: <http://biblío.info/competencia-em-informacao-promove-pratica/>. Acesso em: 21 dez. 2022.

AGRADECIMENTOS

Às pessoas pareceristas pela leitura e considerações que contribuíram para o aprimoramento do texto.

À Sandra de Almada Mota pela revisão linguística.

CONTINUING THE DEBATE ON THE USE OF THE TERMS COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO, COMPETÊNCIA INFORMACIONAL AND LETRAMENTO INFORMACIONAL: A PORTRAIT OF THE SECOND DECADE OF THE 2000S IN BRAZIL

ABSTRACT

Objective: To present the second part of the research results on the terminological-conceptual debate surrounding the terms *competência em informação*, *competência informacional* and *letramento informacional* in Brazil, showing how the terminological-conceptual arrangements proposed by the founding researchers were received and

applied by the field through their influenced researchers. **Methodology:** Documentary research. Systematic survey of scientific production in databases in the area of Library Science, Information Science, and Information Management, from 2000 to 2022. **Results:** The debate over the last decade has revealed not only the persistence of the same phenomena of ambiguity and contradiction in the arguments defended for the choice or rejection of terms and concepts, but also uncovered inconsistencies in the appropriations of translations and their concepts, which contributes to confusion and terminological fragility and results in ethical problems. **Conclusions:** The influenced researchers are aware of the terminological variation that permeates the field. However, they lack clarity regarding the discursive, political, and ideological charge of the terminology originally proposed by the proposing researchers, and there is no consistency in the citations of the terms. It is urgent that terminological appropriations be made considering the epistemic and ideological positions of their proponent researchers.

Descriptors: Terminology. Information literacy. Concept. Appropriation.

CONTINUANDO EL DEBATE SOBRE EL USO DE LOS TÉRMINOS COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO, COMPETÊNCIA INFORMACIONAL Y LETRAMENTO INFORMACIONAL: UN RETRATO DE LA SEGUNDA DÉCADA DE 2000 EN BRASIL

RESUMEN

Objetivo: Presentar la segunda parte de los resultados de la investigación sobre el debate terminológico-conceptual en torno a los términos *competência em informação*, *competência informacional* and *letramento informacional* en Brasil, mostrando cómo los arreglos terminológico-conceptuales propuestos por los investigadores fundadores fueron recibidos y aplicados en el campo a través de sus investigadores influenciados.

Método: Investigación documental. Encuesta sistemática de la producción científica en bases de datos en el área de Bibliotecología, Ciencias de la Información y Gestión de la Información, durante los años 2000 al 2022. Encuesta en Currículo Lattes. **Resultados:**

El debate manifestado en la última década reveló no sólo el mantenimiento de los mismos fenómenos de ambigüedad y paradoja en los argumentos defendidos para la elección o rechazo de términos y conceptos, sino que también reveló una falta de atención a las diferencias entre los términos y sus conceptos, lo que contribuye a la confusión y la fragilidad terminológica y genera problemas éticos. **Conclusiones:** Los investigadores influenciados son conscientes de la diversidad de términos y variación terminológica que permea el campo. Sin embargo, no hay claridad sobre la carga discursiva, política e ideológica de la terminología apropiada y no hay coherencia/consistencia en la apropiación de los términos. Recomendamos que las apropiaciones se realicen considerando las posiciones epistémicas e ideológicas de los investigadores que las proponen.

Descriptores: Terminología. Alfabetización informacional. Concepto. Apropiación.

Recebido em: 25.12.2024

Aceito em: 14.08.2025